

CRISTIANA OLIVEIRA

CONCEIÇÃO RIBEIRO

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

### i. Como chegar ao Mosteiro de Yuste - múltiplos acessos

Deixei terminar o ano letivo e entreguei o último trabalho. David Mourão-Ferreira na ocorrência. Grata pela oportunidade que o Professor Antonio Sáez Delgado nos proporcionou ao divulgar este curso, comecei a antecipar o gozo de umas semanas de Verão em Espanha, no meio dos livros e da literatura.

Com a leveza do ar de férias e o peso de um calor de inferno médio fiz uma primeira incursão em Fuentemilanos, pequena aldeia colada a Segóvia. O entardecer, com Segóvia no horizonte não está isento de magia, as luzes da catedral a pegar fogo ao amarelo palha da paisagem. Foi um bom prenúncio do caminho que me levaria até ao mosteiro de Yuste. São cerca de duzentos quilómetros de Fuentemilanos a Jarandilla de la Vera atravessando Castilla y León até chegar à Extremadura. Até Ávila a estrada é partilhada com muitos carros, viaturas pesadas de transporte, muita vida. Depois, depois é todo um outro mundo que se abre, de solidão, em altitude, subindo, subindo, até começarmos uma descida íngreme, num ziguezague assustador que nos aproxima do destino. Há um antes e um depois na rota da N-502 que atravessa o Parque Regional de la Sierra de los Gredos; muda a cor do céu, muda a vegetação, ajudando à transição de um Mourão-Ferreira para um Saramago até esse momento algo distante, menos próximo. Tempo de interiorizar as razões desta viagem e desta vontade de descoberta. Nunca fui muito próxima de Saramago: sempre mo atiraram para os braços com a recomendação de que era Prémio Nobel, era muito reconhecido e estimado, devia ser estudado. E logo a esta leitora que não gosta de ser empurrada para leituras; gosta de descobrir, gosta de indícios, sugestões, não aprecia factos consumados. Surge então esta oportunidade de o descobrir num contexto

internacional e multidisciplinar e sim, finalmente descobri Saramago. Mas ainda não. Ainda não tinha chegado, estava a caminho.

A minha viagem aconteceu sem sobressaltos, com tempo, exatamente como o previsto e a tempo de apanhar outra participante e colega na estação rodoviária. Tínhamos trocado mensagens sem comunicar realmente, sobre duas estações rodoviárias diferentes e eu estava à hora prevista na estação de Jarandilla de la Vera e ela na de Cáceres! Saramago teria de esperar mais umas horas, Jarandilla também. Os processos de descoberta são sempre um somatório de experiências, de eventos, de caminhos e de escolhas, e este pequeno percalço juntou mais dinâmica à estadia em Jarandilla, que eu não conhecia a não ser de uma pesquisa sumária aquando da inscrição no curso de Verão. Jarandilla de la Vera é um paraíso e o Mosteiro de Yuste uma pedra preciosa lapidada cuidadosa e artisticamente pela Fundação que a gere. A qualidade e excelência da localização do evento foram acompanhadas pela escrupulosa organização e pela qualidade de todo o programa, dos temas apresentados, dos participantes e dos seus contributos.

Para alguém que exerceu uma atividade profissional na área da hotelaria durante décadas, não passa despercebida a qualidade da escolha dos menus e a sua adequação - na composição, na quantidade, na variedade - a um público que tem naturalmente a expectativa de, em Espanha, desfrutar de uma gastronomia rica e de sabores reconhecidos.

Em pleno Verão, e um Verão que se manteve quente, inclemente, Jarandilla de la Vera e os claustros de Yuste foram o refúgio que tornou possível a concentração em temas que nos tocam, temas nem sempre fáceis, mas temas de uma importância enorme para percebermos a contemporaneidade e podermos, de forma consciente, alicerçar as nossas escolhas. Yuste teve esse papel na minha tomada de consciência

da obra de Saramago. Ouvir personalidades que muito respeito se debruçar sobre o homem e o escritor, abriu-me inúmeras janelas para a abordagem do que hoje se tornou essencial para mim em Saramago.

Este Curso aproximou José Saramago O Prémio Nobel, do Saramago autor de *Claraboia*, obra publicada muito posteriormente à sua escrita, e que não é, de forma nenhuma, uma das suas obras de referência. Mas para mim, e pelo tempo que dediquei à sua leitura e ao seu estudo, é já um pequeno dicionário ilustrado da sociedade portuguesa das décadas de quarenta e cinquenta, com figuras e figurinos datados, verossímeis, e ricos por isso mesmo.

Ou ainda de outra obra, Objeto *Quase*; obra também pouco referida, onde se reconhecem, contudo, os traços das preocupações maiores do seu pensamento. Pessoalmente, interessa-me sempre mais o que não está nas bocas do mundo e o que não é repetidamente objeto de um quase endeusamento. Considero que Saramago é a antítese da máquina comercial e de *marketing* que inevitavelmente se instala à volta de um Prémio Nobel. Prefiro o Saramago controverso, menos popular, na minha perspetiva pessoal, mais verdadeiro.

A minha apreensão ao ver que Pilar del Río estaria presente neste Curso de Verão, era a de encontrar Saramago como um fenómeno incontestado - que ele não é! E, felizmente, isso não aconteceu. Com as contribuições de todos os participantes, o âmbito alargou-se e foi para além do simples enaltecimento de Saramago e da sua obra. Falamos do seu - nosso - mundo, do que o preocupou e do que nos deve preocupar e partilhamo-lo com muitos dos que têm dedicado o seu tempo de estudo à obra saramaguiana.

Contemplar o Mosteiro de São Jerónimo de Yuste e os claustros de D. Carlos V, ao redor de Saramago, foi verdadeiramente um privilégio. Os três dias em “Diálogos ibéricos. José Saramago: un minuto, un siglo” permitiu-nos visitar o legado

saramagiano e participar de um imaginário literário, nacional e (trans)iberista. Sob um olhar contemporâneo, voltamos a embarcar na *Jangada de Pedra* e a repensar possíveis rumos para um mundo melhor. Os testemunhos e as ilações seguintes pretendem refletir sobre o que mais nos tocou.

O ano de dois mil e vinte e dois foi o ano de centenário de José Saramago e o Campus Yuste celebrou-o. Três dias intensos, repletos de discussão, partilha e conhecimento, povoando o nosso mundo com personagens saramaguianas. Olhamos para Saramago com os olhos do nosso século e espantamo-nos com a atualidade que o seu legado nos transmite e a pertinência das questões que nos im(põe). Partindo de múltiplos pontos vista - do ser humano, da sociedade, da história, do mito, do jornalismo cultural, da tradução e do transiberismo - da literatura saramaguiana, foram tecidas reflexões extraordinárias por estudiosos, especialistas, investigadores, professores, todos participantes interessados nesta merecida celebração. Os respetivos contributos construíram um pensamento plural e múltiplo, ancorado simultaneamente no pensamento visionário e real de Saramago. Por outro lado, o contributo de Pilar del Río trouxe ao alcance da nossa visão, a pedra da praia de José, uma visão mais íntima e mais próxima de Saramago.

## ii. Como chegar à Ibéria - múltiplas propostas

Também eu tomei conhecimento do programa através da Universidade de Évora e elegi Saramago pela vontade de lê-lo mais e de interpretá-lo melhor. As paisagens pitorescas de La Vera, revestidas de aura histórica e bucolismo, estimularam a alma e o intelecto. A deambulação por curvas e contracurvas lembrou-me percursos de *Viagem a Portugal* e a pedra das ruas, das casas e do Mosteiro transportou-me para o imaginário da *Jangada de Pedra*. Em paralelismo, a fotografia “Solanas en la memoria” de “Un paseo por la memoria” no âmbito da V Edición de Muestra de Cine de la Vera

devolveu-me imagens saramaguianas da viagem e da pedra. Simbolicamente senti a intersecção entre dois olhares, igualmente sensíveis, poéticos e atentos, que buscam a harmonia social entre o passado, presente e futuro. A profundidade do ângulo fotográfico e dos tons pretos e brancos fixam o instante perdido e registam uma perspetiva sensível dos elementos humanos, paisagísticos e urbanísticos, deixando rastros de memória e, talvez, de algum saudosismo:

*Las solanas, “habitaciones” exteriores, que permitían hacer faenas que solo podían realizarse al aire libre, han desaparecido casi absolutamente en Jarandilla. Es una pena que, sin renunciar a la comodidad de los tiempos modernos, no hayamos sido capaces de conservar este bonito elemento, que tanto tenía que ver con la vida rural de un pueblo como Jarandilla. En las solanas se secaban las ristras de pimienta, se desgranaba el maíz y otros granos; se embotellaba el tomate, y se hacían otras faenas que, a buen seguro, muchos de los que lean estas palabras evocarán en su memoria.<sup>1</sup>*

Conservar a memória da vida rural do povo de Jarandilla seria tão importante quanto medir as exigências da modernidade. Felizmente, o testemunho desta foto resgata essa memória, essa parte da história desse pequeno *pueblo*. Saramago também procurou resgatar memórias de pequenos *pueblos* de norte a sul de Portugal (e não só) através do seu testemunho literário e fotográfico. Toda a sua obra remete-nos para a memória de Portugal; e mais além, para a memória da Ibéria.

Por consequência, a comunicação “Saramago y los iberismos que van a dar al mar” de César Rina Simón da Universidade de Extremadura e da Universidade Nova de Lisboa veio sustentar todo este pensamento (trans)iberista. A sua referência à “Puente José Saramago Rio Caya” como um marco de fronteira sem fronteiras remete-nos para as primeiras linhas da *Viagem*: “«Vinde cá, peixes, vós da margem direita que estais no rio Douro, e vós da margem esquerda que estais no rio Duero, vinde cá todos e dissei-me que língua é que falais quando aí em baixo cruzais aquáticas alfândegas, e se também lá tendes passaportes e carimbos para entrar e sair.»” (Saramago, 2022, p.17). Num tom alusivo ao *Sermão de Santo António aos Peixes*, Saramago também se

<sup>1</sup> Disponível em <https://www.muestracinedelavera.com/solanas-en-la-memoria>.

serve do seu poder imaginativo, oratório e satírico para problematizar questões fronteiriças entre Portugal e Espanha. O rio é a fronteira líquida que Portugal e Espanha precisam para esbater fronteiras terrestres mais vincadas. Tal como César referiu: Saramago pretendia um mapa homogéneo, sem fissuras, onde a diferença não signifique distância. Só assim é que a dita *Jangada de Pedra* seria levada a bom porto. Desenraizada da Europa, a Península Ibérica torna-se numa ilha em movimento, com trajetórias inesperadas e rotas de colisão perigosas. Saramago realoca o leitor de um lugar conhecido e habitual para um lugar desconhecido e estranho. Há então uma desconstrução do mapa que conhecemos e, conseqüentemente, um afastamento da cultura europeia - predominantemente anglo-saxónica - pretendendo-se redescobrir as culturas meridionais e ibero-americanas e promover o pluricentrismo. Talvez tudo isto seja uma mera utopia, talvez a Península Ibérica seja algo etéreo, mas para Saramago foi sempre uma possibilidade bem concreta. E Saramago não foi único a pensá-lo: de Miguel de Unamuno a Eduardo Lourenço, as apologias do que une estes dois territórios sustenta a tese da sua continuidade física e cultural, do prolongamento de uma mesma realidade, cujas fronteiras naturais só param no mar. Saramago, contudo, sonhava mais e mais alto: abrir as mil portas de Espanha em direção ao sul, principalmente a porta do iberismo para o transiberismo, apontando para uma redescoberta da América do Sul, com quem partilhamos laços de identidade e culturais de forma mais próxima e profunda, do que com a Europa.

O seu iberismo foi manipulado por alguns, acusando-o de antipatriotismo, sobretudo por se ter refugiado em Lanzarote e virar, aparentemente, as costas a Portugal. A ironia está em que para Saramago, as costas de Portugal, eram as costas de Espanha, a França, e portanto, o resto da Europa. Em Lanzarote estava em casa, no seu refúgio natural. Devemos-lhe a honestidade desta interpretação, já que sempre se sentiu filho de Portugal.

A itinerância por questões sociais, as incursões por países da América Latina e a vivência em Lanzarote robusteceu a sua obra e fez de Saramago um (trans)iberista assumido: “Soy hijo de Portugal, pero también andaluz y canario.”.

**iii. Conclusão - pontos de partida distintos, a mesma motivação, o mesmo reconhecimento!**

Recordar (*re-cordis*) Saramago no Mosteiro de Yuste é “voltar a passar pelo coração”, vezes e vezes sem conta. É fechar os olhos e sentir um ligeiro saudosismo das brisas frescas e tórridas que percorriam os jardins e as arcadas do Mosteiro. Um Verão em Yuste como o mote perfeito para estar com Saramago, para ler Saramago e para entender Saramago. Para uns, um centenário literário, para outros um diálogo ibérico. O certo é que nos fez olhar através da claraboia para um céu vasto de conhecimento e saber. Gracias Fundación Yuste! Obrigada Fundação Yuste!



## Bibliografia

Saramago, J. (2022). *Claraboia* (2017). Porto Editora.

Saramago, J. (2022). *Objecto Quase* (1978). Companhia das Letras.

Saramago, J. (2022). *Viagem a Portugal* (27<sup>a</sup> ed.). Porto Editora.

Saramago, J. (1991). *A Jangada de Pedra* (5<sup>a</sup> ed.). Caminho.

Simón Rina, César. (2022, Junho 29). *Saramago y los iberismos que van a dar al mar* [Comunicação em painel]. Diálogos ibéricos. José Saramago: un minuto, un siglo. Monasterio de Yuste.

Soto, Juan - Solanas en la memoria [Em linha]. Jarandilla de la Vera: Muestra Cine de la Vera, 2022. [Consult. 8 de Nov.,2022]. Disponível em <https://www.muestracinedelavera.com/solanas-en-la-memoria>.